

O PODER DA COMUNICAÇÃO NARRATIVA DA BOA-NOVA EM MC 1,16-45

Carlos Frederico Schlaepfer

Resumo

A narrativa de Mc 1,16-45, longe de ser apenas uma sequência de fatos que descrevem a prática da Boa-Nova na vida de Jesus, quer ser um importante instrumento catequético para os leitores e leitoras que formam a comunidade cristã para quem o autor escreve. O presente artigo¹ analisa esta narrativa em Marcos, dentro de duas perspectivas. Uma teológica bíblica, buscando os elementos próprios que o Evangelho procura transmitir dentro da sua proposta cristológica. Outra numa perspectiva bíblica pastoral, onde se observa o alcance catequético desta narrativa não só para a época do autor, mas hoje em nossas comunidades.

Palavras-chave: *Palavra de Deus. Boa-Nova. Narrativa. Evangelho de Marcos. Catequese.*

Abstract

The narrative of Marcos 1,16-45, far from being a sequence of facts that describe the practice of the Good News in Jesus life, aims to be an important catechism instrument for readers, women and men, which make part of the Christian community to whom the author writes for. This text unveils Marcos's narrative, within two perspectives. First, is a Biblical Theology perspective looking for the proper elements that the Gospel aims to transmit within its Christological proposal. Second, a pastoral biblical perspective, where we observe the catechism approach of this narrative not only at the author's time, but also in our communities nowadays.

Keywords: *The Word of God. Good News. Narrative. Mark's Gospel. Catechism.*

1. A revista "A Palavra na Vida", publicada pelo CEBI, apresenta no número 182/183 um precioso trabalho de Carlos Mesters e Mercedes Lopes. Trata-se de círculos bíblicos sobre o Evangelho de Marcos (cf. ao final na bibliografia). Este artigo será em grande parte iluminado pelas ideias contidas nesta revista.

Introdução

Dos chamados sinóticos, o Evangelho de Marcos é o menor deles. Porém, isto não significa que seja menos importante que os outros. Aliás, as informações ali contidas estão quase que inteiramente no Evangelho de Mateus (86%) e, quase a metade, no Evangelho de Lucas (44%). Mas a principal diferença entre eles é o fato de que no Evangelho de Marcos quase não encontramos pregações e discursos de Jesus, o que ocorre com bastante frequência nos outros dois. Escrito originalmente no grego popular (koiné), chegou até nós em sua totalidade e bem conservado, conforme atesta a crítica textual.

Embora escrito em grego, o texto apresenta certas palavras que são do universo semita, como, por exemplo, *Talitá cumi* (5,41); *Effatá* (7,34); *Corban* (7,11); *Abba* 14,35. Há também algumas do universo latino como Pretório (15,16); Centurião (15,39); Legião (5,9); Denário (6,37), revelando com isto um público leitor pertencente a estas duas tradições. Provavelmente são comunidades que vivem fora da Judeia que se reúnem nas casas para celebrar e receber os ensinamentos catequéticos. Trata-se de comunidades missionárias comprometidas com o anúncio do Evangelho principalmente entre os pagãos (cf. 1,21-28; 5,1-20; 7,24-30). Embora não seja possível saber ao certo quem seriam estes cristãos, podemos ao menos através das características e estilo do texto perceber que se trata de uma comunidade de origem judaica e gentílica, tendo uma grande ligação com a região da Galileia. A data provável para a redação final desta obra é colocada em torno da segunda metade da década de 60, provavelmente antes do ano 70, quando se dá a destruição de Jerusalém por parte dos romanos.

Aliás, a presença romana é um dos fortes motivos pelos quais o texto é escrito. Trata-se de um problema que interfere diretamente na vida da comunidade, pois o medo e o sofrimento causado pelas perseguições romanas levavam os cristãos a uma vivência de fé voltada para o Cristo da glória, ressuscitado, que em nada lembrava o Cristo que também sofreu e foi assassinado por conta da perseguição romana e judaica. Neste contexto podemos entender muito bem o significado de todo cristão ter de tomar a sua cruz e seguir Jesus! Para o evangelista, a comunidade deveria seguir o exemplo do próprio Cristo, que foi firme em sua decisão de seguir o projeto do Pai mesmo que para isto tivesse de pagar com a própria vida.

Sendo a obra de caráter narrativo, contém um vocabulário simples e conferindo muita vivacidade aos relatos que nos levam a descobrir a mensagem que o autor quer passar mediante a atividade de Jesus, dos discípulos e da multidão que os acompanha. Este estilo vivo e vigoroso cria no leitor a impressão de encontrar-se dentro da cena descrita. Esta intencionalidade do autor em fazer o leitor viajar junto com Jesus e seus seguidores significa colocá-lo no caminho de Jesus. Este realmente é um dos segredos deste Evangelho: Mostrar a cada leitor o caminho do seguimento de Jesus.

Os elementos essenciais que caracterizam o discípulo são: vocação (acolher o chamado), formação (se dispor a ficar na escuta do Mestre e preparar-se para a missão) e sair de si mesmo para anunciar o Evangelho combatendo as forças dos males que ameaçam a vida (expulsar demônios). A palavra discípulo, em grego *mathetés*, aparece 46 vezes no Evangelho de Marcos, sendo que no Novo Testamento a encontramos cerca de 261 vezes.

O discípulo é aquele que acompanha o mestre para ser instruído por ele. Nos evangelhos esta palavra se refere ao grupo dos seguidores e seguidoras de Jesus. Entretanto, no Evangelho de Marcos a imagem dos discípulos não é muito positiva. Neles constatamos dificuldades para descobrir a verdadeira identidade de Jesus e entender sua proposta e seu destino. Na hora da crise mais intensa, fogem. Quando se espera que deem testemunho da ressurreição, calam-se. Um não acredita no testemunho do outro. Se as mulheres se calaram (Mc 16,8), não foi talvez por causa da incredulidade dos outros discípulos?

Os discípulos de João Batista, quando souberam de sua morte, recolheram o corpo e o sepultaram. Estavam presentes e solidários neste momento de crise. Ao contrário, os discípulos de Jesus não estavam presentes no momento de sua paixão e morte. Exceto algumas mulheres que estavam um pouco a distância, entre elas, Maria Madalena (15,40-42). O centurião pagão é o único que faz uma profissão de fé logo após o último suspiro de Jesus.

Talvez Marcos quisesse mostrar as dificuldades que as comunidades encontraram para testemunhar o Ressuscitado em tempos de crise e violência por parte do Império Romano sob o comando de Nero.

Porém, só é possível fazer esta caminhada, de forma consciente e convincente, se tivermos conhecimento da verdadeira identidade de Jesus. Não adianta tornar-se discípulo de um Jesus preconcebido, que se encontra em nossas cabeças e interesses. Para o autor, só seremos verdadeiros seguidores de Jesus se soubermos quem realmente Ele é. Este é o segundo segredo do Evangelho: revelar aos leitores quem é Jesus.

O tema central deste evangelho é de fato a identidade de Jesus. O título com o qual inicia o Evangelho já o revela: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Aqui Jesus é apresentado como Princípio da Boa-Nova, uma Nova Criação, o Messias e Filho de Deus. O livro inteiro de Marcos deve ser entendido como princípio da boa notícia de Jesus Cristo. O Evangelho fora anunciado pelos profetas, agora João Batista o prepara. Marcos o identifica como o mensageiro (anjo) prometido no êxodo. O lugar desta boa notícia é o deserto que prepara o povo para a entrada na Terra Prometida. O tipo da veste e da comida de João lembra o profeta Elias. Com a chegada de Jesus, o Messias, realiza-se para o povo a promessa da terra, do povo e da bênção. Nos episódios do Batismo e da Transfiguração os céus se abrem, rompe-se o silêncio e é o próprio Deus que

apresenta Jesus como “Filho Amado” (cf. 1,11; 9,7). Até os demônios o conhecem e o chamam de “Santo de Deus” (1,24), “filho do Deus Altíssimo” (5,7).

Os discípulos não reconhecem de imediato a identidade de Jesus, pois ficam desconcertados diante de certas coisas que seu Mestre realiza: 1,27: “O que significa isto?” – a descoberta do novo ensinamento; 4,41: “Quem é este?” – a tempestade acalmada; 6,49: medo ao vê-lo caminhar sobre o lago; 8,17-18: a incompreensão dos discípulos diante da questão do fermento dos fariseus... Somente um pagão, oficial romano, ao ver Jesus morto na cruz é capaz de proclamar: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (15,39). Este pagão torna-se símbolo do verdadeiro discípulo de Cristo, pois descobre a identidade de Jesus num contexto adverso e contraditório a toda expectativa de vida. Enquanto muitos veem o crucificado como maldito, este o vê como Filho de Deus.

Estas primeiras impressões sobre o Evangelho de Marcos nos ajudam a compreender a importância de sua narrativa e com isto nos direcionar ao primeiro capítulo, onde repousaremos a nossa principal reflexão.

O capítulo 1

No primeiro capítulo do Evangelho de Marcos encontramos em 1,1-13 uma introdução e ao mesmo tempo orientação sobre a Boa-Nova de Deus, mostrando a ligação entre o tempo de sua promessa, isto é, o primeiro testamento e o tempo de sua realização por meio de Jesus Cristo.

Em suas primeiras linhas, Marcos nos coloca diante de duas citações proféticas, identificando-as com o profeta Isaías, como segue em Mc 1,2-3: Está escrito no livro do profeta Isaías: “Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente para preparar o teu caminho. Esta é a voz daquele que grita no deserto: Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!”

Mas se procurarmos no livro do profeta Isaías não encontraremos a primeira parte desta citação, mas sim no livro do profeta Malaquias 3,1. Realmente, a segunda parte da citação encontramos em Is 40,3. Lendo os versículos seguintes de Marcos, encontramos novamente a presença profética, não mais dentro da chamada literatura profética, mas da figura exemplar do profetismo do Antigo Testamento, ou seja, o profeta Elias. Isto porque, ao apresentar João Batista, Marcos o faz com uma grande proximidade ao texto de 2Rs 1,8, onde também é descrito o profeta Elias. Mais à frente, no capítulo 9, Marcos volta a falar de Elias em outro contexto, mostrando a sua importância como representante do profetismo, ao lado de Moisés, como representante da lei, durante a transfiguração de Jesus. Os três ali reunidos prefiguram a passagem do Antigo Testamento (a lei e os profetas) para o Novo Testamento (transfiguração/ressurreição de Jesus).

Marcos quer deixar a mensagem profética bem registrada logo no início de seu livro; afinal, aquilo que os profetas anunciaram deverá em breve se realizar...

Nada melhor para legitimar esta realização, que o testemunho do grande profeta literário Isaías e do grande representante do profetismo bíblico, Elias. A menção de Malaquias se faz presente não só porque a frase tirada de seu livro tem um conteúdo que descreve o trabalho de João Batista, mas porque é ele quem coloca a profecia da presença de Elias nos tempos messiânicos (Ml 3,22).

Terminada esta introdução profética, Marcos ainda nos coloca diante de alguns fatos históricos importantes, tirados do Antigo Testamento, mas que possuem um interesse emblemático diante de Jesus. Primeiro o seu batismo, frente às Palavras de apresentação, novamente tiradas de Isaías, mas agora dos cânticos do Servo Sofredor (cf. Mc 1,11 e Is 42,1) que serão chaves de leitura para entender a sua Paixão. O mergulho e saída da água com o aparecimento da pomba, fazendo referência direta ao dilúvio de Gn 6–9, onde ali se estabelece uma aliança entre Deus e Noé, possibilitando uma nova humanidade. Com Jesus uma nova humanidade, um novo povo, começa a surgir a partir de sua missão salvadora.

Em seguida vem a tentação, durante os quarenta dias no deserto (Mc 1,12-13) lembrando claramente a tentação do antigo povo no deserto. Este novo povo não cai nas tentações que quase colocaram em perigo, o projeto libertador de Deus após o êxodo. Jesus é a garantia deste novo projeto!

Encerrando este ciclo, ou esta introdução, chegamos ao grande poder de síntese de Mc 1,14-15. Primeiro ele nos informa sobre a prisão de João Batista: “Depois que João Batista foi preso, Jesus voltou para a Galileia, pregando a Boa Notícia de Deus” (1,14). Esta informação é básica, pois neste momento será anunciado o início da missão de Jesus e, portanto, João já deverá ter encerrado a sua missão. João anuncia, Jesus realiza!

Na sequência, temos quatro informações em um único versículo. Mas não são pequenas informações, são profundas informações, que na verdade conseguem sintetizar todo o seu Evangelho. Isto mesmo, todo o conteúdo do Evangelho de Marcos num único versículo! Assim lemos em Marcos: “O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (1,15). Bem, vamos por partes. Primeiro a informação de que o tempo já se cumpriu ou conforme outras traduções, “completou-se o tempo”. O que isto significa? Trata-se do tempo da espera para a realização das promessas messiânicas. Com Jesus não é mais preciso esperar, pois Ele é a própria promessa se realizando. Porém, nem todos assim pensavam. Para uns o Reino só chegaria quando a observância da lei fosse perfeita; para outros, quando o país fosse purificado; ou mesmo quando o país fosse por eles dominado. Estes são os casos dos fariseus, essênios, e zelotes, respectivamente.

Já a segunda informação nos diz que o Reino de Deus está próximo. Assim traduzido, nos vem a ideia de que o Reino ainda não se faz presente, está próximo, portanto. Mas se olharmos bem o tempo verbal no grego, utilizado por Marcos, entenderemos que não se trata de algo futuro, mas sim de que o Reino já chegou e ainda continua, ou seja, não findou nem se completou. Uma tradução mais coerente seria então o Reino já se faz presente... Reino tão esperado e não

percebido pelo povo da época, pois se encontravam dominados diante da visão dada pelas autoridades.

As duas primeiras informações colocam-nos diante desta Boa Notícia. Agora vem o que fazer diante da mesma. Assim aparece a terceira informação: Mudem de vida! Algumas traduções colocam *fazei penitência*, ou *convertei-vos* e ainda *arrependei-vos*. É importante ter presente o sentido exato. Trata-se de mudar o modo de pensar e de viver. Só é possível perceber a presença do Reino, se a pessoa mudar o seu modo de pensar, viver e agir. Terá que deixar de lado o legalismo do ensino dos fariseus e permitir que a nova experiência de Deus invada sua vida e lhe dê olhos novos para ler e entender os fatos.

Por fim, a quarta e última informação. “Crede no Evangelho”. Estas palavras finais provocam a fé do povo, afinal, para olhar a realidade com outros olhos, diferente daqueles que foram acostumados a olhar, pela educação, mídia etc., só tendo fé que é testemunhada por alguém que é o próprio Filho de Deus. São quatro informações que sintetizam todo o Evangelho de Marcos. A partir deste versículo, teremos diante dos olhos, através de sua narrativa, a descrição de fatos que só comprovam o que Ele acabou de dizer: “O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia”.

Os versículos restantes apresentam uma sequência de relatos que não são apenas informações. Se em Mc 1,1-15 temos o grande anúncio de que chegou o tempo da Boa-Nova, agora em Mc 1,16-45 temos a missão da Igreja frente a esta grande novidade. Esta missão vai sendo descrita através das ações e ensinamentos de Jesus. Tanto nos anos 70, época em que Marcos escreve, como hoje, época em que nós vivemos, era e continua sendo importante ter diante de nós modelos de como viver e anunciar a Boa-Nova de Deus e de como avaliar a nossa missão. Em outras palavras, como vivenciar dentro da comunidade esta novidade trazida por Jesus?

Marcos recolhe estes relatos, que eram transmitidos oralmente nas comunidades, e os une entre si como tijolos numa parede. Descrevendo como foi o início da atividade de Jesus, Marcos indica como elas devem fazer para anunciar a Boa-Nova. Marcos faz catequese contando para as comunidades os acontecimentos da vida de Jesus.

A seguir, analisando os textos de Mc 1,16-45, será apresentado um quadro resumo do fato, contendo a citação do texto e sua descrição, o lugar, o tempo e a catequese contida no fato.

O texto de Mc 1,16-45

Um chamado inesperado (Mc 1,16-20)

O primeiro relato acontece ao longo do mar da Galileia. Sem especificar dia ou hora, Jesus encontra dois pescadores e simplesmente diz: “Vinde após mim;

eu vos farei pescadores de homens”, no mesmo instante largaram tudo para trás e o seguiram.

Quando nos deparamos com os primeiros chamados ou relatos vocacionais em Marcos, ficamos intrigados com a maneira que o evangelista os descreve. Isto porque não ocorre nenhum questionamento por parte dos futuros discípulos, afinal não conhecem Jesus, ainda não ouviram falar dele, de seus ensinamentos, de seus milagres, enfim, trata-se de um desconhecido que passa por eles e simplesmente diz: “Vem e segue-me” (cf. Mc 1,16-20; 2,14). Se olharmos os relatos que ocorrem também nos outros três evangelhos, percebemos que à exceção de Mateus, que procura preservar esta característica de sua fonte, que é Marcos, nos outros dois primeiro Jesus prega, realiza milagres, torna-se conhecido e só então convoca seus discípulos.

Qual a razão de um chamado tão incisivo e consistente? A situação vivida pela comunidade de Marcos não era das melhores. Quando tentamos situar o Evangelho no tempo, não podemos ir além do ano 70, quando ocorre a destruição de Jerusalém por parte dos romanos. As referências deste fato nos evangelhos de Lucas e Mateus são apresentadas como uma interpretação, portanto, mostrando certo distanciamento no tempo. Em Marcos não é este o caso. No capítulo 13, onde ele se refere ao mesmo, as ideias acerca do fato não são claras, tendo inclusive que se valer do gênero apocalíptico para descrevê-la. Sendo assim, podemos intuir que a comunidade vive este momento de tensão e perseguição por parte das tropas romanas.

Mas, e o chamado, o que tem a ver com esta perseguição? Bem, num momento de crise como este não se pode esperar muito tempo para uma decisão. A indecisão ou uma resposta morosa torna-se um perigo neste momento. É tudo ou nada! Daí entende-se este chamado incisivo e a pronta resposta do discípulo. Afinal, diante da perseguição não se tem muito tempo para dar uma resposta... Jesus quer formar uma comunidade de seguidores para acompanhá-lo na missão. Esta é a primeira tarefa da qual a Igreja não pode se descuidar. O chamado deve ser sempre constante.

Portanto:

texto	Mc 1,16-20
descrição	Jesus chama os primeiros discípulos
local	mar da Galileia
tempo	não informado
catequese	formar comunidade

Uma nova maneira de ensinar (Mc 1,21-22)

Deixando o mar da Galileia, partem para Cafarnaum. Marcos especifica que estão agora dentro da Sinagoga, num dia de sábado, e Jesus se pôs a ensinar. Marcos não diz o que Jesus ensinava. Mas o que chama atenção é a forma como Jesus anunciava: “Ele os ensinava como quem possui autoridade e não como os escribas”, isto é, ensinar legitimamente, com liberdade e franqueza. Por este seu jeito diferente, Jesus cria consciência crítica no povo com relação às autoridades religiosas da época. O povo percebe, compara e diz: Ele ensina com autoridade, diferente dos escribas.

Os escribas da época, peritos e intérpretes das prescrições religiosas, guias reconhecidos do povo, eram habilitados no seu papel pela sua fidelidade à lei escrita e pelo seu apelo aos grandes mestres do passado. Ensinavam, citando autoridades. Jesus, pelo contrário, apela para outra legitimação, porque seu ensinamento é novo. Jesus não cita autoridade nenhuma, mas fala a partir da sua experiência de Deus e da vida. Sua palavra tem raiz no coração.

Portanto:

texto	Mc 1,21-22
descrição	o povo fica admirado com o ensino
local	Sinagoga
tempo	sábado
catequese	criar consciência crítica

A destruição do mal (Mc 1,23-28)

O ambiente ainda é Cafarnaum, dentro da sinagoga e no dia de sábado. Jesus combate e expulsa o poder do mal que tomava conta das pessoas e as alienava de si mesmas. Em Marcos, o primeiro milagre é a expulsão de um demônio. À primeira vista parece que o possesso realmente conhece Jesus: “Eu sei quem Tu és: Tu és o Santo de Deus!” Este era o ensinamento oficial que apresentava o messias como “Santo de Deus”. Esta designação valia para um sumo sacerdote, ou rei, juiz, doutor, general. Jesus ameaçou o espírito mau: “Cale-se, e saia dele!” O espírito sacudiu o homem, deu um grande grito e saiu dele.

O mal está presente em diversos lugares e situações, impedindo o avanço da Boa-Nova. Assim, o combate que Jesus trava contra satanás, espírito impuro ou diabo – a expressão do mal, presente no mundo –, deve ser seguido de perto pelos seus discípulos. É preciso ter os olhos atentos para detectar este mal que impede o avanço do Reino.

Justamente neste ambiente da sinagoga e em dia de sábado é que Jesus vai se revelando como messias capaz de vencer os mecanismos que ameaçam a vida humana. A prática messiânica de Jesus desperta no povo esta consciência crítica. O povo percebe que o ensinamento de Jesus é novo. Por quê? Porque liberta as pessoas dos males que ameaçam a vida. O ensino de Jesus está sempre acompanhado de uma ação libertadora. Desta forma, Jesus vai devolvendo as pessoas a si mesmas. Devolve a consciência e a liberdade. Faz a pessoa recuperar o seu perfeito juízo (cf. Mc 5,15). Não é nem era fácil, nem ontem, nem hoje, fazer com que a pessoa comece a pensar e atuar diferentemente da ideologia oficial.

Os dois primeiros sinais da Boa-Nova que o povo percebe em Jesus são estes: o seu jeito diferente de ensinar as coisas de Deus, e o seu poder sobre os espíritos impuros. Jesus abre um novo caminho para o povo conseguir a pureza. Naquele tempo, uma pessoa declarada impura já não podia comparecer diante de Deus para rezar e receber a bênção prometida por Deus a Abraão. Ela teria que purificar-se primeiro. Esta e muitas outras leis e normas dificultavam a vida do povo e marginalizavam muita gente como impura, longe de Deus. Agora, purificadas pelo contato com Jesus, as pessoas impuras podiam comparecer novamente na presença de Deus. Era uma grande Boa Notícia para eles!

Portanto:

texto	Mc 1,23-28
descrição	Jesus expulsa um demônio
local	Sinagoga
tempo	sábado
catequese	combater o poder do mal

O valor do serviço (Mc 1,29-31)

O ambiente ainda é Cafarnaum, porém agora fora da Sinagoga. Os quatro se dirigem para casa da sogra de Pedro que se encontrava acamada. Jesus não está mais no âmbito religioso judaico. Agora, encontra-se no âmbito da casa, local muitas vezes apresentado por Marcos como sendo o espaço do encontro entre Jesus e seus seguidores.

A cura fez com que a sogra de Pedro se colocasse de pé e, com a saúde e a dignidade recuperadas, começasse a servir as pessoas. Bem diferente foi a cura anterior. O possesso dentro da Sinagoga reconhece Jesus dentro dos parâmetros oficiais e Jesus o ordena a calar-se. Aqui na casa, a sogra de Pedro não recebe nenhuma ordem, muito menos de proibição. Prontamente se coloca a serviço da

casa. Jesus não só cura a pessoa, mas cura para que a pessoa se coloque a serviço da vida.

Portanto:

texto	Mc 1,29-31
descrição	a cura da sogra de Pedro
local	casa
tempo	sábado
catequese	restaurar a vida para o serviço

O acolhimento aos marginalizados (Mc 1,32-34)

Ainda em Cafarnaum, na “casa”, colocando em destaque a hora, isto é, ao cair da tarde, Jesus acolhe e cura os doentes e os possessos que o povo tinha trazido. Os doentes e possessos não tinham a quem recorrer. Ficavam entregues à caridade pública. Além disso, a religião os considerava impuros. Eles não podiam participar na comunidade. Era como se Deus os rejeitasse e os excluísse. Eram as pessoas mais marginalizadas naquela época. Jesus as acolhe.

Neste relato aparece em que consiste a Boa-Nova de Deus e o que ela quer atingir na vida da comunidade: acolher os marginalizados e reintegrá-los na convivência da sociedade.

Portanto:

texto	Mc 1,32-34
descrição	a cura de doentes e endemoninhados
local	casa
tempo	sábado
catequese	acolher os marginalizados

A importância da oração (Mc 1,35)

Ainda em Cafarnaum, mas acentuando o momento, isto é, no dia seguinte, bem de madrugada, mas afastado da casa e lugar deserto, Jesus se retira para um momento de oração. Ele faz um esforço muito grande para ter o tempo e o ambiente apropriado para rezar. Levantou mais cedo que os outros e foi para um

lugar deserto, para poder estar a sós com Deus. Muitas vezes, os evangelhos nos falam da oração de Jesus no silêncio (Mt 14,22-23; Mc 1,35; Lc 5,15-16; 3,21-22). É através da oração que Ele mantém viva em si a consciência da sua missão.

Portanto:

texto	Mc 1,35
descrição	Jesus levanta cedo para rezar
local	fora da cidade
tempo	madrugada
catequese	ficar unido ao Pai

A necessidade de seguir avante (Mc 1,36-39)

Jesus está no mesmo lugar, retirado, pela manhã, onde se encontrava em oração. Parece que os discípulos querem que Jesus continue no mesmo lugar, na mesma casa ou porta, mas Jesus lhes anuncia que a comunidade missionária não pode ficar acomodada num mesmo lugar. Jesus se tornou conhecido. Todos iam atrás dele.

Esta publicidade agradou aos discípulos. Eles vão à procura de Jesus para levá-lo de volta junto do povo que o procurava, e lhe dizem: “Todos te procuram”. Pensavam que Jesus fosse atender ao convite. Eles devem ter estranhado a resposta de Jesus, afinal não era como eles o imaginavam. Jesus tem uma consciência muito clara da sua missão e quer transmiti-la aos discípulos. Não quer que eles se fechem no resultado já obtido. Não devem olhar para trás. Como Jesus, eles devem manter bem viva a consciência da sua missão. É a missão recebida do Pai que deve orientá-los na tomada das decisões.

Jesus arranca a comunidade missionária do comodismo. Certamente nas aldeias e vilas por onde Jesus e os discípulos passavam deixavam ali pessoas responsáveis para continuar a missão de anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus.

Portanto:

texto	Mc 1,36-39
descrição	Jesus segue em frente no anúncio
local	fora da cidade
tempo	madrugada
catequese	não se fechar nos resultados

O acolhimento aos excluídos (Mc 1,40-45)

O último relato não nos informa espaço e tempo, apenas parece fazer referência àquilo que encontramos em Marcos: “Ele retirou-se dali, pregando em todas as sinagogas e por toda a Galileia, e expulsando os demônios” (1,39); ou seja, fez o que havia dito a Pedro: “Vamos às aldeias vizinhas, para que eu pregue também lá, pois para isso é que vim” (Mc 1,38). Assim, podemos pensar que se encontre nestas aldeias.

Esta perícope nos traz algo que a princípio poderia ser visto conforme analisado acima em Mc 1,32-34, ou seja, a cura de doentes e endemoninhados no ensinamento catequético do acolhimento aos marginalizados. Mas a questão da lepra nos coloca frente a outro tipo de marginalização.

A lepra na época não era vista apenas como uma doença, mas tratava-se de uma enfermidade grave na pele que provocava impureza segundo a Lei, o que levava a pessoa a ser excluída da comunidade. Conforme Lv 14,2-32, a cura tinha de ser testemunhada oficialmente pelos sacerdotes que faziam o diagnóstico. Certificadas da cura, as pessoas voltavam a conviver na comunidade.

Devido à gravidade da doença, conforme a Lei, as pessoas tinham medo de chegar perto de um leproso e de ser tocadas por ele. O preconceito religioso e social excluía as pessoas. Sobre um doente pesava, além de sua enfermidade física, o preconceito religioso que atribuía como causa da enfermidade uma maldição de Deus por causa da transgressão à Lei. Este ponto é revelado nas palavras do leproso que era um excluído, impuro e devia viver afastado: “Não precisa tocar-me! Basta você querer para eu ficar curado” (1,40-45).

Profundamente compadecido, Jesus primeiro “cura” a solidão, liberta o leproso da exclusão, tocando-o. Em seguida, cura a lepra.

Aqui há como que um jogo, uma troca de lugares entre o leproso e Jesus. O leproso, para poder entrar em contato com Jesus, tinha transgredido as normas da Lei. Da mesma forma, Jesus, para poder ajudar aquele excluído e, assim, revelar um rosto novo de Deus, transgride as normas da sua religião e toca no leproso. Jesus tinha proibido o leproso de falar sobre a cura, mas, assim que partiu, o homem começou a divulgar a notícia, de modo que Jesus já não podia entrar publicamente numa cidade. Permanecia fora, em lugares desertos. Jesus tinha tocado no leproso. Por isso, na opinião pública daquele tempo, Jesus, Ele mesmo, era agora um impuro e devia viver afastado de todos. Já não podia entrar nas cidades. Parece que Marcos quer de fato mostrar que as normas e leis de exclusão deveriam ser ignoradas, pois termina o relato enfatizando que de toda a parte vinham até Jesus.

Portanto:

texto	Mc 1,40-45
descrição	a cura de um leproso
local	aldeia
tempo	não informado
catequese	reintegrar os excluídos

Conclusão

Através de todas estas perícopes, Marcos quer mostrar que a prática messiânica de Jesus e da comunidade missionária dos discípulos tem um só objetivo: libertar as pessoas de todos os mecanismos ameaçadores da vida. Os discípulos, na companhia de seu Mestre, vão descobrindo progressivamente a identidade de Jesus e a sua própria identidade como discípulos e missionários do Reino.

Observando o quadro abaixo, percebemos como estas narrativas colocadas sequencialmente por Marcos, constituem uma verdadeira catequese para o crescimento na fé e no seguimento de Jesus:

Mc	1,16-20	1,21-22	1,23-28	1,29-31	1,32-34	1,35	1,36-39	1,40-45
assunto	Jesus chama os primeiros discípulos	o povo fica admirado com o ensino	Jesus expulsa um demônio	a cura da sogra de Pedro	a cura de doentes e endemo-ninhados	Jesus levanta cedo para rezar	Jesus segue em frente no anúncio	a cura de um leproso
local	mar da Galileia	Sinagoga	Sinagoga	casa	casa	fora da cidade	fora da cidade	aldeia
tempo		sábado	sábado	sábado	sabado	madrugada	madrugada	
catequese	formar comunidade	criar consciência crítica	combater o poder do mal	restaurar a vida para o serviço	acolher os marginalizados	ficar unido ao Pai	não se fechar nos resultados	reintegrar os excluídos

A catequese a ser transmitida por estes fatos mostra o dia a dia da comunidade. Talvez este possa ser o motivo pelo qual todos eles são colocados num determinado tempo de um dia. O dia de Jesus em Cafarnaum deve ser exemplar e catequético para o dia a dia da Igreja.

Estes oito fatos, tão bem escolhidos por Marcos, mostram o rumo e o objetivo da missão de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abun-

dância” (Jo 10,10). Todos estes fatos descritos por Marcos podem servir como avaliação para as nossas comunidades. São fatos que suscitam questões muito incômodas e até conflitivas: Suscitar comunidades em torno de Jesus, através de homens e mulheres que verdadeiramente se convertem e creem na Boa-Nova do Reino de Deus (Mc 1,15):

- Fazer nascer consciência crítica no povo pelo nosso jeito diferente de ensinar; combater o poder do mal que aliena as pessoas de si mesmas.
- Restaurar a vida para a realização de uma diaconia legitimada pelo amor ao próximo e não pela distinção de sexo.
- Acolher os marginalizados, os sem-valores em nossa sociedade e assim, ser revelação de Deus como Pai.
- Não se fechar nos resultados já obtidos, mas manter o rumo da missão através de um contato constante com Deus na oração.
- Acolher os excluídos e reintegrá-los na convivência comunitária, mesmo que para isto tenhamos que enfrentar o autoritarismo e legalismo sempre contrários à vida.

Enfim, estes são oito pontos que Marcos reuniu para esclarecer o objetivo da Boa-Nova na vida do povo. Eles nos ajudam a avaliar o nosso jeito de anunciar a Boa-Nova de Deus nos dias de hoje. Em Jesus tudo é revelação daquilo que o animava por dentro! Paixão pelo Pai e pelo povo abandonado da sua terra. Ele não só anunciava a Boa-Nova do Reino. Ele mesmo era um testemunho vivo da Boa notícia de Deus.

Carlos Schlaepfer

Rua General Dionísio 585, apto. 701
25075-095 Duque de Caxias, RJ
Carlos.schlaepfer@gmail.com

Bibliografia

- CNBB. *Caminhamos na estrada de Jesus: O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Evangelho, figuras e símbolos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos: Estar ou não com Jesus*. Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2004.
- MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. “Caminhando com Jesus. Círculos Bíblicos do Evangelho de Marcos (1ª parte – Mc 1,1–8,21)”, in: *A Palavra na Vida*, n. 182/183, 2003, p. 13-37.
- SCHLAEPFER, Carlos. “Estar dentro ou fora da família de Jesus: Uma opção radical”, in *Estudos Bíblicos*, n. 85, 2005, p. 63-79.
- _____. “A ética do seguimento em torno da casa de Jesus”, in *Estudos Bíblicos*, n. 77, 2003, p. 39-48.